

## Como a luz do sol: A vantagem de se comunicar na língua materna

por Rick Brown

A comunicação só acontece quando uma mensagem é bem transmitida e bem recebida. Na comunicação entre pessoas, o fato de o transmissor da mensagem usar a língua materna do destinatário é um sinal de amor e respeito, e é um elemento essencial (e de humildade) do ministério personificado. Em seu artigo “Seven Fruitful Factors” (Sete Fatores Produtivos - neste número)<sup>1</sup> os autores citam pesquisas quantitativas que mostram as vantagens de utilizar o idioma materno das pessoas em vez de um segundo idioma. As estatísticas apresentadas mostram que o ministério no idioma local, em comparação com o ministério em um idioma regional, correlaciona-se com uma probabilidade quatro ou cinco vezes maior de surgimento de igrejas e início de ministérios.<sup>2</sup>

Em um país da África, o líder de uma missão nacional me disse que o vídeo Jesus foi exibido por anos a milhões de pessoas utilizando uma língua oficial, mas só alcançou resultados limitados. Entretanto, quando começaram a exibir o vídeo em idiomas locais, o público reagiu de modo maravilhoso. Disse que “era como se vissem um vídeo diferente, embora já tivessem visto o anterior. O esforço de colocá-lo em seu dialeto valeu a pena”.

Um crente das Filipinas disse: “Agora que leio a Bíblia em meu próprio idioma tenho uma compreensão mais clara da doutrina cristã. Minha confiança na verdade da Palavra de Deus é mais forte, porque é como se Deus falasse diretamente comigo.”.

Um pastor da Ásia utilizou o idioma regional durante vinte anos antes de descobrir a clareza e o impacto de apresentar o evangelho no idioma local. O pastor disse que quando lia no idioma regional “era como ler à luz da lua”, mas que ao ler no idioma local “é como ler sob a luz do sol”.

As missões de todo o mundo têm descoberto que é especialmente produtivo evangelizar e discipular por meio de narrações da Bíblia e de estudos bíblicos em áudio no idioma materno dos ouvintes.<sup>3</sup>

O uso do idioma materno aumenta a auto-estima das pessoas e abre seus corações e suas mentes para escutarem a mensagem. A pesquisa histórica de Lamin Sanneh sobre este tema conclui que foi o fato de o cristianismo usar os idiomas locais, especialmente nas Escrituras, que “converteu o cristianismo em propriedade da família humana de todo o mundo”, e que “sem a tradução não haveria cristianismo nem cristãos”.<sup>4</sup>

Entretanto, esta questão lingüística não é uma simples dicotomia entre o idioma materno e um segundo idioma. Muitos ministérios da Janela 10/40 utilizam uma forma mista de “idioma local”, que não é o idioma materno da comunidade. Os ministérios fazem isso ao rejeitar os termos e os nomes religiosos do idioma materno e utilizar termos e nomes que não pertencem a sua comunidade sócio-religiosa. Alguns clérigos e missionários, por exemplo, se recusaram a usar o nome local dado ao Deus Altíssimo e introduziram nomes estrangeiros, tais como ‘Dio’. Alguns rejeitaram o nome ‘Isa Messih’ para “Jesus Cristo”, e utilizaram frases como ‘Yezu Kristo’. Alguns não utilizaram palavras locais para sacerdote, profeta e oração, mas optaram por palavras estrangeiras. Isso dá um tom diferente ao evangelho e aos seus seguidores, separando-os do resto da comunidade. Enquanto a validação do idioma das pessoas abre suas mentes e corações, a negação de seu vocabulário transmite uma rejeição de sua identidade e de seu valor, a qual as leva a rejeitar os comunicadores e a sua mensagem. Os muçulmanos poderiam não ser mais hostis nem mais resistentes do que qualquer outro grupo ao evangelho bíblico de Jesus Cristo, mas eles são muito sensíveis a rejeição de seu idioma, sua cultura e sua identidade social. Quando o evangelho bíblico

lhes é apresentado em seu próprio estilo e vocabulário, os muçulmanos de mente aberta freqüentemente respondem com expressões de gozo, dizendo “Este é nosso Livro!”<sup>5</sup>

As conseqüências da rejeição do vocabulário religioso são evidentes no artigo “Seven Fruitful Factors”, na análise das respostas dadas para a seguinte declaração: “Quando comunico o evangelho utilizo intencionalmente termos que os muçulmanos locais entendem como parte de sua cultura, seu idioma ou seu conhecimento religioso”. As correlações entre as respostas e os resultados indicam que os ministérios que sempre utilizam a terminologia baseada no idioma materno têm uma probabilidade de quatro a seis vezes maior de presenciar o surgimento de igrejas através de seu trabalho do que os ministérios que nunca ou só esporadicamente utilizam a terminologia do idioma materno. Esta grande diferença é ocasionada por uma simples decisão: comunicar-se com o público utilizando seu próprio vocabulário, ou rejeitá-lo em favor de terminologia religiosa externa. Ao analisar a história do cristianismo, Lamin Sanneh diz que “nos casos relevantes, a expansão e o avivamento do cristianismo se limitaram às sociedades que preservaram o nome nativo para Deus”.<sup>6</sup>

Há a tendência humana de tentar restringir a Palavra de Deus a um idioma “sagrado”. Os muçulmanos de todo o mundo oram e recitam as Escrituras no árabe antigo, enquanto os judeus o fazem no hebraico antigo.<sup>7</sup> Será que Deus realmente deseja que Sua Palavra seja apresentada em um idioma “sagrado”, como muitas pessoas parecem pensar? A própria Bíblia não demonstra que Deus revela Sua verdade através de pessoas humildes em idiomas humildes, em vez de idiomas prestigiosos ou “sagrados”?

Pensemos no patriarca Abraão. Ele provavelmente falava uma ou duas das línguas internacionais de seu tempo. Tendo crescido perto de Ur, ele poderia ter conhecido o acadiano, idioma da Mesopotâmia urbana. Provavelmente aprendeu a língua egípcia enquanto esteve no Egito, posto que falou com os habitantes desse país. Como nômade dedicado ao pastoreio, é possível que conhecesse o amorita ou alguma forma de proto-árabe, provavelmente como seu idioma materno.<sup>8</sup> Há grande possibilidade de que soubesse aramaico, porque viveu por algum tempo em Harã, uma região aramaica.<sup>9</sup> Entretanto, Abraão se mudou para Canaã. Seus dois filhos e também seu neto Jacó cresceram falando o cananeu.<sup>10</sup> Os descendentes de Jacó continuaram falando um dialeto desse idioma cananeu, o qual chamamos “hebraico”. O cananeu não era um idioma importante, não era usado na literatura nem nas relações diplomáticas. Era de uso local para a religião, mas a religião cananéia era uma abominação. Não obstante, Deus utilizou o idioma cananeu, incluindo seus termos religiosos, para revelar Sua mensagem ao povo do Israel através dos profetas e dos autores da Bíblia hebraica, sem dúvidas porque este era o idioma que o povo falava e compreendia. Se Deus quisesse utilizar um idioma prestigioso e literário poderia ter revelado suas verdades eternas em egípcio ou em acadiano, mas decidiu utilizar o idioma dos destinatários de sua mensagem.

Até o tempo de Cristo a situação havia mudado. A maioria dos judeus da Palestina e os samaritanos falavam o aramaico, mas alguns conheciam o grego coloquial e outros falavam o hebreu coloquial. O hebreu bíblico se tornou um idioma arcaico, e era considerado um idioma sagrado para os textos e os ritos religiosos. Em toda a região, o grego literário era o idioma da literatura e da educação superior. Entretanto, o povo em geral falava o grego coloquial (o koiné), e o utilizava para escrever cartas pessoais. Deus poderia ter empregado qualquer um desses idiomas. Entretanto, Jesus escolheu falar o aramaico cotidiano, enquanto os apóstolos que ele enviou ao ocidente decidiram falar o grego coloquial. O Novo Testamento não foi escrito no idioma sagrado hebraico usado nos textos religiosos, nem no grego literário usado na literatura e na filosofia, mas no grego coloquial, sem dúvida porque era o idioma mais amplamente conhecido nesse tempo. Em

vez de utilizar um idioma sagrado ou prestigioso, Deus escolheu revelar Sua Palavra a todos os níveis da sociedade utilizando o idioma cotidiano.

Jesus disse a seus discípulos que pregassem o evangelho a todos os povos, mas não sem antes receberem o poder do Espírito Santo (Atos 1.4-8). Quando o poder foi derramado no dia de Pentecostes, o Espírito se manifestou proclamando a bondade de Deus em muitos idiomas, de tal modo que os que escutavam ficaram perplexos, porque cada um ouvia os crentes falar em sua própria língua (de acordo com Atos 2.6). O milagre de Pentecostes indica claramente que Deus quer que as boas novas sejam compartilhadas com as nações em seus próprios idiomas.

É instrutivo observar o ministério do apóstolo Paulo. Ele foi bem-sucedido em seu ministério usando o grego nas comunidades que falavam grego, mas, quando foi a Jerusalém e se viu diante de uma multidão, as pessoas não lhe deram ouvidos até que começasse a falar em sua língua materna: “Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio” (Atos 22.2).<sup>11</sup> O êxito de Paulo foi mais limitado entre as pessoas cujo idioma não falava. Quando Paulo e Barnabé pregaram em Listra (Atos 14.8–20) as pessoas não entenderam a mensagem pregada em grego, e disseram em seu próprio idioma: “Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós!” (Atos 14.11). Paulo e Barnabé tentaram lhes explicar quem eram, mas “dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios.” (Atos 14.18).

A igreja primitiva levou a mensagem a muitos lugares. Na maioria deles, os crentes traduziram a mensagem nos idiomas locais: em muitos dialetos do copto, sírio, aramaico e latim. Quando se encontraram com povos que falavam idiomas que não tinham as Escrituras, os primeiros missionários cristãos pregaram a mensagem nos idiomas falados, e em muitos casos elaboraram alfabetos e traduziram a Bíblia para esses povos. Entre estes idiomas estão o armênio, o etíope, o núbio, o georgiano, o eslavo (russo antigo), o gótico (alemão antigo), e outros. Quando Jerônimo traduziu a Bíblia para o latim ele não utilizou o latim literário em que eram escritos todos os livros nessa época, mas sim o latim coloquial para que as pessoas comuns pudessem entendê-lo. Lamin Sanneh descreve o princípio seguido pela igreja primitiva:

A regra geral de que as pessoas tinham direito a entender o que lhes era ensinado estava de acordo com a idéia de que não havia nada que Deus queria dizer que não pudesse ser dito na linguagem cotidiana simples. Deus não confundiria as pessoas quanto à verdade, e isso fez que o idioma da religião fosse compatível com a compreensão ordinária do ser humano daquela época. A proclamação do evangelho despojou o discurso religioso do palavreado rebuscado, e elevou a voz das [pessoas comuns].<sup>12</sup>

Se a Palavra de Deus não tivesse sido dada a estes povos em seu próprio idioma, seu conhecimento da fé bíblica teria sido débil e insustentável ao longo das gerações. Isso se evidencia em uma das tragédias da história, ou seja, no fato de as Escrituras não terem sido traduzidas pela igreja primitiva ao persa, ao árabe<sup>13</sup>, ao iemenita antigo nem ao bereber, embora entre eles tenham existido muitos crentes, igrejas e membros do clero. Os evangelistas desses lugares, muitos dos quais eram estrangeiros, insistiram em apresentar a Palavra de Deus em idiomas de prestígio, ou seja, o sírio, o grego e o latim. O resultado foi que faltou aos crentes uma boa compreensão da Palavra de Deus, e por isso ficaram vulneráveis a outros ventos de doutrina.<sup>14</sup> Quando o Islã surgiu, no sétimo e oitavo séculos, essas igrejas sem Bíblia quase desapareceram.<sup>15</sup> Embora o profeta do Islã aprovasse as Escrituras dos cristãos e recomendasse seu estudo, a falta de uma Bíblia em árabe impediu que isso acontecesse, deixando que a tradição islâmica se desenvolvesse sem fundamentos bíblicos e sem o uso da Bíblia. Diferente desta tragédia que ocorreu nas nações que dependiam de Bíblias em um segundo idioma, todos os povos antigos que tinham as Escrituras em seu próprio idioma se alicerçaram na fé bíblica. Na atualidade, quando a mensagem bíblica é apresentada aos

povos em seus próprios idiomas, seja através do vídeo Jesus, de narrações bíblicas ou de novas traduções, muitas pessoas alcançam uma nova compreensão e uma nova avaliação do evangelho.

A lição das Escrituras e da história é, pois, que a mensagem de Deus deve ser apresentada no idioma comum, o qual é claro e memorável, e não simplesmente em um idioma considerado de prestígio, sagrado ou tradicional. Nas palavras de Lamin Sanneh: “Faríamos bem em recordar que o idioma do cristianismo é o idioma das pessoas, quaisquer pessoas que sejam”.<sup>16</sup>

O chamado para usar a língua materna foi reiterado no verão de 2000, quando mais de 12.000 evangelistas provenientes de mais de duzentos países se reuniram em Amsterdam, na Conferência Mundial de Evangelistas de Billy Graham. As conclusões deste evento referentes ao evangelismo foram resumidas na “Declaração de Amsterdam”. O oitavo ponto ressalta a importância de comunicar a mensagem de Deus no idioma local, e serve como conclusão para este artigo: A Bíblia é indispensável para o verdadeiro evangelismo. A Palavra de Deus em si tem o conteúdo e a autoridade para todo o trabalho de evangelismo. Sem ela não há uma mensagem para pregar aos perdidos. As pessoas devem ser guiadas a uma compreensão de pelo menos algumas verdades básicas contidas nas Escrituras antes de poderem responder significativamente ao evangelho. Portanto, devemos proclamar e disseminar as Sagradas Escrituras no idioma materno de todas as pessoas que fomos chamados para evangelizar e discipular. Comprometemo-nos a ter as Escrituras como o núcleo de nosso trabalho e de nossa mensagem evangélica, e a remover todas as barreiras lingüísticas e culturais que impeçam uma compreensão clara do evangelho por parte dos ouvintes.<sup>17</sup> [a ênfase foi acrescentada]

---

<sup>1</sup> Eric Adams, Dom Allen e Bob Fish, ‘Seven Fruitful Factors’, *International Journal of Frontier Missiology*, 26/2 (2009).

<sup>2</sup> Entretanto há situações nas quais será preciso usar uma língua regional porque na comunidade há falantes de diversas línguas maternas, ou há alguns que usam o idioma regional como língua materna. Essas situações poderiam justificar muitos casos em que a igreja se multiplicou em um contexto no qual uma língua regional foi utilizada.

<sup>3</sup> Ver [www.chronologicalbiblestorying.com](http://www.chronologicalbiblestorying.com) e [www.faithcomesbyhearing.com/faith-come-hearing-program](http://www.faithcomesbyhearing.com/faith-come-hearing-program). Ver as correlações com a produtividade no artigo ‘Seven Fruitful Factors’.

<sup>4</sup> Sanneh, Lamin, *Whose Religion is Christianity? The Gospel beyond the West* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), pp.107, 97.

<sup>5</sup> Infelizmente muitas traduções da Bíblia são produzidas por e para membros da cultura cristã, com pouca consideração das necessidades que outras culturas importantes têm ao lerem as Escrituras, tais como os muçulmanos, os hindus, os budistas, etc., que de modo geral precisam de sua própria versão, no idioma materno autêntico e no estilo adequado.

<sup>6</sup> *Whose Religion is Christianity?* pp. 31–32.

<sup>7</sup> É uma tendência muito difundida. Os hindus tratam o sânscrito como um idioma sagrado, e os budistas Theravada utilizam o pali, nenhuma das quais são línguas vivas. Na Igreja Ortodoxa Grega, o ritual e as leituras da Bíblia são feitos no grego antigo; a Igreja Ortodoxa da Rússia utiliza o eslavo; as igrejas sírias utilizam o sírio antigo; e as igrejas armênias utilizam o armênio antigo. O mesmo ocorria com o latim na igreja católica, e muitos protestantes de fala inglesa consideravam o inglês arcaico da versão King James, com seus muitos empréstimos da Vulgata Latina, como um idioma “sagrado”.

<sup>8</sup> Vestígios do amorita se encontram em alguns nomes amoritas escritos em acadiano. Se o proto-árabe foi diferente do amorita nesse período (2000 A.C.), não existe nenhuma evidência disso.

<sup>9</sup> O irmão de Abraão, Naor, o qual se estabeleceu em Harã, foi chamado de pai de várias tribos “aramaicais” (Gênesis 22.20-23).

<sup>10</sup> Quando Jacó e Labão nomearam um monumento que tinham construído, Labão o nomeou com uma frase aramaica, mas Jacó lhe pôs um nome cananeu (Gênesis 31.47).

<sup>11</sup> Nestes versículos se emprega um termo que significa o idioma dos hebreus, mas não se sabe que idioma Paulo utilizou. Algumas traduções dizem ‘hebraico’ e outras dizem ‘aramaico’.

<sup>12</sup> *Whose Religion is Christianity?* P. 98.

---

<sup>13</sup> Em *The Arab Christian: A History in the Middle East* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1991), o autor Kenneth Cragg ressalta que havia árabes presentes no Pentecostes, e que bispos árabes assistiram ao Concílio de Nicéia.

<sup>14</sup> As igrejas de São Tomé, na costa de Malabar na Índia, utilizam uma Bíblia em sírio e uma liturgia síria desde tempos antigos. Por outro lado, também possuem uma rica tradição oral de narrações bíblicas em seu idioma nativo, que segundo eles data dos tempos do discípulo Tomé, e essa “Bíblia oral” na língua materna alimentou sua fé através dos séculos. (de correspondência pessoal com Rajan Mathews)

<sup>15</sup> Com o tempo, as Escrituras foram traduzidas para o árabe, na realidade muitas vezes, mas por séculos as igrejas utilizaram o sírio e o copto, mesmo depois de essas línguas terem sido extintas.

<sup>16</sup> *Whose Religion is Christianity?* P. 69.

<sup>17</sup> The Amsterdam Declaration, §8 <<http://www.christianitytoday.com/ct/2000/augustweb-only/13.0.html>>